

**Cora Coralina: memória e representação do eu na construção da
consciência social¹**

letrônica

Márcia Melo Araújo²
André Cezar Moraes³Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila RicaConto a estória dos becos,
dos becos da minha terra
(Cora Coralina)**Introdução**

A memória é uma das linhas de força da modernidade porque por meio dela podemos resgatar o passado de uma sociedade ou o imaginário de um escritor e sua época. No intuito de criar, o artista entrega-se por inteiro, nele investindo sua capacidade de julgar, suas emoções, sua inteligência, sua visão de mundo e, sobretudo, sua memória. Neste sentido, este estudo objetiva investigar a representação do eu e a emergência da memória em poemas de Cora Coralina. Almejamos retomar a idéia de que a materialidade ou a aparente fixidez do espaço reforça uma relação de tensão entre forma física e relações sociais que, por sua vez, se

¹ Este artigo é resultado parcial de projeto de pesquisa em andamento pela Universidade Estadual de Goiás, UnU Pires do Rio.

² Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Goiás, bolsista Fapeg e professora de Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás.

³ Acadêmico do curso Letras / Inglês da Universidade Estadual de Goiás.

expressam por representações imaginárias. Nessa medida, faremos a análise do poema “Do beco da Vila Rica” e a abordagem das histórias contadas por Cora Coralina, tendo como reflexão a memória coletiva e as representações da cidade através das suas imagens poéticas.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas ou Cora Coralina

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, Cora Coralina, escreve a partir da vivência, sem deixar de contemplar a autêntica experiência, irremediavelmente perdida. Essa poetisa, muitas vezes, reconhece, autoriza e poetiza as trapaças da memória, cujas lacunas são preenchidas pelo imaginário.

Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, assim como a obra de Cora Coralina, são um dos marcos recentes da literatura brasileira. Embora escrevesse desde jovem, somente aos 76 anos publica seu primeiro livro, e a apresentação ao mercado nacional acontece por intermédio de Carlos Drummond de Andrade, por volta dos seus 90 anos de idade.

Seu estilo pessoal, sua maneira de escrever, cujo teor autobiográfico mescla ficção e realidade, sem comprometer sua escrita para uma descrição puramente historiográfica, revela a natureza dos conteúdos relatados de forma a insinuar mais do que descreve. Sua trajetória, ela ironicamente define: “é uma estória ou meias confissões” (CORALINA, 1981, p. 142).

Assim este estudo tem o intuito de apresentar a subjetividade e a emergência do memorialismo e da escrita do eu em poemas que a palavra poética de Cora Coralina quer compartilhar. Iniciamos por meio do significado do cognome usado pela poetisa e sobre a dimensão mítica de sua obra poética, sobre a singularidade, a universalidade e a brasilidade do “eu” implícito nos versos, ou seja, a personalidade de Aninha. A figura da poetisa – o rosto marcado pelos sinais dos tempos, as mãos de quem tem compromisso com o trabalho pesado, os olhos embaçados de quem fez muitas leituras do mundo – mostra uma personalidade construída miticamente pela experiência humana de sua individualidade, pelo seu compromisso social na defesa dos humildes – sobretudo da mulher obscura – e pela procura do sentido transcendental de sua existência. Contudo o que mais nos chama a atenção na sua poesia é o registro das estórias, lendas, tradições, folclore de nossa terra e história, com uma delicadeza que impressiona, recriando as lembranças-imagens que guardou, para um dia expor, como fez em sua obra.

A obra de Cora Coralina e sua relação com a memória

A riqueza da verdade dos significados existenciais vividos pode ser presenciado em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2001), *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1985) e *Meu livro de cordel* (1993), sendo o primeiro, objeto de nossa pesquisa. O próprio título dessas obras já revela o estilo da obra de Cora: Moderno e Pós-Moderno. Acreditamos que por isso mesmo o teor autobiográfico da poesia coralina não tem a bitola de uma descrição historiográfica objetiva, como mencionamos no início desta introdução. Contudo, traz traços e imagens da cidade e de pessoas que a habitaram que se mesclam com a vida da poetisa.

A cidade imaginária ganha dimensão sobre a cidade real, como se fosse um palimpsesto. Assim no intuito de construir a cidade, o distanciamento entre a intenção e o resultado não invalida a força da construção imaginária. Ao toque de sua pena, e, sobretudo, pelo aperto de suas mãos rudes e deformadas de doceira, de lavadeira, de mãe, de dona-de-casa, os humildes, os segregados, os anônimos, os marginalizados de sua cidade, adquirem uma nova objetivação e uma valorização sonhadas pelo movimento dadaísta, prenúncio de uma nova ordem social. Segundo Saturnino Ramon (2006, p. 108), “A dimensão moderna do texto poético de Cora Coralina emerge plena da força criativa de sua metáfora libertária, que desvela a riqueza do obscuro e do banal, do discriminado e do rejeitado, resgatado, afinal, em seu verdadeiro estatuto de significação existencial e humana universal”.

Percebemos em alguns dos poemas de Cora Coralina, uma nova orientação estética. Sua leitura leva a descobrir como ela define a si mesma e a sua gente, como adquirem grandeza poética os badulaques dos monturos dos becos de Goiás. Assim afirma Ramon (2006, p. 111) sobre o poder dos versos da poeta: “Pelo poder da ‘pedra filosofal’ de sua alquimia poética, Cora consegue o milagre de que se lavrem em seus versos, tanto o obscuro ‘ouro’ do sapato velho dos monturos dos becos, quanto o precioso metal escondido nas entranhas de sua cidade”.

Em seguida, como se vê neste excerto do poema “Do beco da Vila Rica”:

No beco da Vila Rica tem
Velhos monturos,
Coletivos, consolidados,

Onde crescem boninas perfumadas.

Beco da Vila Rica...
Baliza da cidade,
Do tempo do ouro.
Da era dos “polistas”,
De botas, trabuco, gibão de couro.
(CORALINA, 2001, p. 96-97)

A simbologia do espaço é sua própria identificação com a cidade de Goiás, patrimônio da humanidade. O indivíduo, alargando os seus limites físicos, alarga também seus horizontes espirituais. Cora, no poema “Minha cidade”, projeta-se sentimentalmente em cada um dos elementos de sua cidade de Goiás. Ela canta, e são seus os becos, as ruas estreitas, os sobrados, as igrejas, os velhos muros. A poeta se declara parte de cada um deles: “Eu sou aquele velho muro. Eu sou estas casas.... eu sou a ramada”. Os elementos que compõem os espaços dos becos se cruzam, se interpõem e o efeito da representação faz com que o elemento isolado, como os “monturos”, os “coletivos”, as “boninas” sejam tomados como expressão do conjunto.

Para Pesavento (2002, p. 161), o imaginário social é uma forma de representar o mundo, e ele se legitima pela crença e não pela autenticidade ou comprovação. No caso da poética de Cora, os elementos que compõem o traçado urbano assumem uma dimensão simbólica, pois é por meio do “olhar” da poetisa que vemos a cidade. Os becos do passado se presentificam por meio da memória dando margem a um processo de metaforização não somente do espaço como também das pessoas que ali viveram ou passaram.

Assim a poeta universaliza a sua cidade e nela se universaliza, ao fazer dela a metáfora de seu habitat ou existir poético.

Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.
(CORALINA, 1981, p. 39)

Quanto a essas imagens, que o eu poético faz surgir de sua “sensibilidade de mulher”, podemos dialogar com Turchi (2003, p. 73) quando afirma que a imaginação funciona ora como mitema patente – como memória – ora como latente – mediador entre o símbolo e a sua

epifania: “A imaginação transcende e ordena as atividades da consciência, propiciando, através do símbolo, o acesso vertical ao sentido, acima de qualquer raciocínio lógico”. Desse modo, a poetisa resgata o passado, com base nas lembranças de pessoas que viveram nesse tempo. Representa o resultado de um encontro, em que as experiências são evocadas e repassadas, dando continuidade ao fio da história e com ele a memória do grupo social ao qual pertence.

A lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bérghson não hesitará em dar o nome de “inconsciente”. Ainda a respeito da consciência, evocamos o pensamento de Bosi (1999, p. 52) para explicar que o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é sobretudo o de colher e escolher, dentro do processo psíquico, justamente o que não é a consciência atual, trazendo à sua luz. Logo, a própria ação da consciência supõe o outro, ou seja a existência de fenômenos e estados infraconscientes, que costumam ficar à sombra. É precisamente nesse reino de sombras que se deposita o tesouro da memória.

Outro estudioso da memória, Gaston Bachelard (1993, p. 26) corrobora que o passado é avivado pela casa onde moramos: “É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós”. De acordo com o autor, a memória e a imaginação colaboram para a síntese do imemorial com a lembrança, e ambas constituem o elo entre lembrança e imagem, na qual a casa representa “uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 1993, p. 26).

De forma bastante sintética, acreditamos que a memória é um mecanismo de resgate do tempo. Partindo da filosofia bergsoniana, o tratamento que a literatura dispensa ao tempo afasta-se de concepções científicas, objetivando esclarecer para o ser humano a noção de presente, passado e futuro, uma vez que o homem reconhece, a princípio, apenas que o tempo e a vida passam, incessantemente. Logo, é inquestionável a importância da memória como meio de recuperar e eternizar o passado, como possibilidade de interligar os momentos distantes em uma linha de tempo e as múltiplas noções que o sujeito, sobretudo o sujeito moderno, concebe acerca de si mesmo.

Memória e representação do eu na construção da consciência social

Observamos que as imagens contidas nos versos de Cora Coralina, além de deslizarem para imagens transfiguradoras, penetram no mítico-simbólico, evidenciando a sua sobrevivência no mundo contemporâneo. Imagens se inter cruzam e se reproduzem por meio do imaginário, permitindo diálogos com outras obras. Isso se deve, em parte, porque o homem repete as mesmas estruturas arquetípicas, pois os mitos aparecem camuflados em narrativas contemporâneas. Até porque a cidade construída pelo discurso possibilita diversas visões, leituras e interpretações que vão depender do que Umberto Eco (1986) chama de competência intertextual do leitor.

Nesse contexto até a cidade torna-se personagem, assim como as casas representam aspectos humanos e sociais. Nas palavras de Ramon (2006), Cora antecipa, com seu dizer poético, o reconhecimento do significado humano-universal do povo dos gerais de Goiás, presentificada e imortalizada na singular simplicidade das construções coloniais de adobe, pau-a-pique e taipa de pilão da antiga capital. Partindo daí, declinamos para a observação compreensiva de história, mito e símbolo, cuja recorrência nos permite sondar com mais profundidade o significado poético, já que, nesse caminho, vemos um modo de conceber a relação do homem com o mundo.

Na contemporaneidade, segundo Mircea Eliade (1972), o mito está simbolicamente impregnado por uma descida ao interior da mente, pois as transformações do mundo levam o homem a mudar sua maneira de vê-lo. Nem sempre conseguimos descobrir e, sobretudo, compreender a presença do mito nas poéticas e narrativas modernas porque ele se manifesta de várias formas.

Na poética coralina, o mito assume um caráter enigmático, onde o interdito e a transgressão compõem o enredo. Acreditamos que Cora Coralina busca nas cenas cotidianas da sua cidade, material para dar voz à mulher silenciada. Acenamos três aspectos da consciência social de Aninha, que ajudam a definir sua natureza: a identidade de “mil vozes” que ressoam através de sua palavra primordial, a força de seu compromisso poético-social, ao dar voz aos obscuros, expresso na identificação real e imaginária com seu povo, e a sutileza caboclo-feminina de sua crítica social (RAMON, 2006). Como exemplo, temos um trecho do poema a seguir:

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada,
sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.
Vive dentro de mim
a mulher roceira.
-Enxerto de terra,
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.
Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo ser alegre
seu triste fado.
Todas as vidas
dentro de mim:
Na minha vida -
a vida mera
das obscuras!
(CORALINA, 2001, p. 101-102)

A poesia de Cora Coralina sem ser simplesmente confessional é cheia de lembranças e experiências biográficas. O eu lírico revisita os lugares da infância e a si mesmo, percorre todo o espaço como que conduzido por um puxador da memória, como podemos inferir no trecho do poema seguinte:

Antiguidades

Quando eu era menina
bem pequena,
em nossa casa,
certos dias da semana
se fazia um bolo,

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.351, jul. 2010.

assado na panela
com um testro de borralho em cima.

Era um bolo econômico,
como tudo, antigamente.
Pesado, grosso, pastoso.
(Por sinal que muito ruim.)

Eu era menina em crescimento.
Gulosa,
abria os olhos para aquele bolo
que me parecia tão bom
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa
cortava aquele bolo
com importância.
Com atenção. Sericamente.
Eu presente.
Com vontade de comer o bolo todo.

Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.
Minha irmão mais velha
governava. Regrava.
Me dava uma fatia,
tão fina, tão delgada...
E fatias iguais às outras manas.
E que ninguém pedisse mais !
E o bolo inteiro,
quase intangível,
se guardava bem guardado,
com cuidado,
num armário, alto, fechado,
impossível.

Cora Coralina não busca inspiração apenas nas próprias experiências de vida, ao contrário do que pode supor um leitor menos atento. Pode-se dizer que ela não descarta o fingimento poético, isso porque o rememorar está intimamente ligado ao sonhar. O eu que fala no poema de Cora, a exemplo do que acontece na lírica de uma maneira geral, não se reduz ao eu circunstancial do poeta. A poesia transforma a experiência, dissocia-a do sujeito, despersonaliza-a, o que faz que a memória e a despersonalização do sujeito não se anulem. Ao tornar-se objeto da lírica, a experiência transcende os limites do vivido, do real, do possível.

Algumas considerações

Para Cora Coralina, a dimensão existencial do homem está ligada à sua própria vida. No decorrer de seus poemas, a poeta não silencia nenhuma mulher cuja sina seja “a vida mera das obscuras”. Ela rompe assim com o silêncio de si mesma e torna-se, parafraseando Carlos Drummond de Andrade, um admirável brasileiro, libertando do silêncio outros tantos seres femininos com os quais se identifica, dando voz a essas personagens para falar em seu nome.

Neste contexto, os espaços se impõem como tema de reflexão e objeto de estudo, como um campo de abordagem para os estudos recentes sobre o imaginário social. Nossa contemporaneidade está cercada por imagens, icônicas, plásticas, virtuais entre outras e o imaginário, como sistema de ideias e imagens de representação coletiva tem a capacidade de criar o real.

Ao assumirmos essa postura, admitimos que a representação do mundo é, também, parte constituinte da realidade, podendo ser construída por meio da memória e da representação do eu. Mesmo quando a poeta fala do seu tempo, da sua experiência de mulher, ela o faz, quando poeta, de um modo fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo eterno da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências, os dados que lhe fornece o mundo de hoje. Nessa perspectiva, a instância poética tira do passado e da memória o direito à existência. Não de um passado cronológico puro, mas de um passado presente, cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância do inconsciente.

Para finalizar, entendemos que a poesia de Cora Coralina traz uma especificidade histórica através do efeito de predomínio do simbólico sobre o real, onde ambos se mesclam. Por meio de suas memórias fingidas ou reais, a poeta propicia ao leitor a possibilidade de construção de uma temporalidade passada, reveladora de um imaginário social e individual.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Letrônica, Porto Alegre v.3, n.1, p.353, jul. 2010.

- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 20. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. 5. Ed. São Paulo: Global, 1993.
- CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Ed. Da UFG, 1985.
- CORALINA, Cora. Depoimento. *Revista Goiana de Artes*. Goiânia: Ed. Da UFG, v. 2, n. 2, p. 139-177, 1981.
- ECO, H. O leitor-modelo. In: _____. *Lector in fabula*. Tradução de Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986. Cap. 1.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates).
- PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.
- RAMON, S. P. *Cora Coralina: o mito de Aninha*. 2. Ed. Goiânia: Ed. Da UFG; Ed. Da UCG, 2006.
- RAMON, S. P. *Cora Coralina: a metafísica do contato com o cotidiano*. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 4, n. 2, 1983.
- TURCHI, Maria Zaira. *Literatura e antropologia do imaginário*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

Recebido em: 27/05/2010

Aceito em: 21/08/2010

Contatos: marcimelo@gmail.com e demoraes.com@hotmail.com